

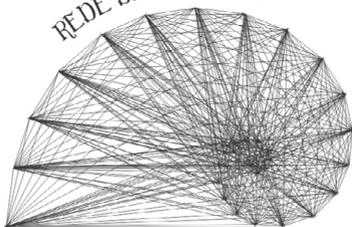
# Notas de Tradutores [N.T.]:

Escrituras de um Projeto de Pesquisa do CNPq



10 r s . 1  
*Sandra Mara Corazza*  
*Claudia Regina Rodrigues de Carvalho*  
*Karen Elisabete Rosa Nodari*  
*Silas Borges Monteiro*

REDE DE PESQUISA



# ESCRILEITURAS

DA DIFERENÇA EM FILOSOFIA-EDUCAÇÃO



© Dos autores – 2020

Projeto gráfico, diagramação e capa: Fabiano Neu

Imagem da capa: *Plane Filling Motif with Reptiles*, por M. C. Escher

Conselho Editorial (Editora Oikos)

Antonio Sidekum (Ed.N.H.)

Avelino da Rosa Oliveira (UFPEL)

Danilo Streck (Unisinus)

Elcio Cecchetti (UNOCHAPECÓ e GPEAD/FURB)

Eunice S. Nodari (UFSC)

Haroldo Reimer (UEG)

Ivoni R. Reimer (PUC Goiás)

João Biehl (Princeton University)

Luiz Inácio Gaiger (Unisinus)

Marluza M. Harres (Unisinus)

Martin N. Dreher (IHSL)

Oneide Bobsin (Faculdades EST)

Raúl Fornet-Betancourt (Aachen/Alemanha)

Rosileny A. dos Santos Schwantes (Uninove)

Vitor Izecksohn (UFRJ)

Editora Oikos Ltda.

Rua Paraná, 240 – B. Scharlau

93120-020 São Leopoldo/RS

Tel.: (51) 3568.2848

contato@oikoseditora.com.br

www.oikoseditora.com.br

---

N899 Notas de Tradutores [N.T.]: Escritoleturas de um Projeto de Pesquisa do CNPq. [E-book]. / Organizadores: Sandra Mara Corazza, Claudia Regina Rodrigues de Carvalho, Karen Elisabete Rosa Nodari e Silas Borges Monteiro. – São Leopoldo: Oikos, 2020.  
236 p.; il.; color.; 14 x 21 cm.  
ISBN 978-65-86578-61-4

1. Educação – Práticas de pesquisa. 2. Pesquisa educacional. 3. Tradução. 4. Nota e tradução. 5. Filosofia da diferença. 6. Rede de Pesquisa Escritoleturas da Diferença em Filosofia-Educação. I. Título. II. Corazza, Sandra Mara. III. Carvalho, Claudia Regina Rodrigues de. IV. Nodari, Karen Elisabete Rosa. V. Monteiro, Silas Borges.

CDU 37

---

Catálogo na publicação:  
Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

## IV. CONCEITOS, PROPOSIÇÕES E TESES

*Sandra Mara Corazza*

### 1. Conceitos (e sentidos) da pesquisa

A partir das 4 (quatro) Pesquisas de Produtividade já realizadas: 1) *Pós-currículo, diferença e subjetivação de infantis*; 2) *Fantasia de escrita: devir-infantil de currículos nômades*; 3) *Dramatização infantil na comédia intelectual do currículo: método Valéry-Deleuze*; 4) *Didática da tradução, transcrição do currículo: escrituras da diferença* consideramos, resumidamente, que os seguintes 5 (cinco) conceitos e os correspondentes sentidos que lhe foram atribuídos integram a presente pesquisa e continuarão a ser desenvolvidos:

**1.1. Arquivo:** a) como canto e escrituras tradutórias da tradição; b) composto pelas matérias das artes, ciências e filosofias; c) toda matéria que se nos dá a traduzir, que é nossa tarefa traduzir; d) matéria em função da qual somos instigados a traduzir; e) aquilo que temos o dever, a missão, a dívida, o ímpeto, o desejo, a responsabilidade de traduzir.

**1.2. Traduzir + A-traduzir:** a) equação da traduzibilidade e da intraduzibilidade; b) traduzir transcriador; c) a-traduzir a ruína, o que escapa, o que cai, o acontecimento, o prenúncio de morte.

**1.3. Currículo & Didática:** a) não possuem existência separada, embora sejam independentes um da outra; b) consubstanciam-se na Aula; c) para engendrarem novas rearticulações de substância, matéria, forma, conteúdo e expressão.

**1.4. Aula:** a) reúne e expressa EIS AICE; b) EIS (Espaços, Imagens, Signos) do Currículo; c) AICE (Autor, Infantil, Currículo, Educador) da Didática.

**1.5. Sonho & Poesia:** a) ficção, criação literária, fantasia, fantasmagoria, espectro; b) tradução entre a criação literária e a teoria; c) ideias são como sonhos; d) poesia como desvio da norma, da linguagem objetiva e constatativa.

## **2. Proposições da docência**

Derivadas desses 5 (cinco) blocos de conceitos e sentidos acima indicados, serão desenvolvidas 5 (cinco) Proposições sobre a docência. Proposições que formarão uma teoria da professoragem – se pudéssemos escrever assim, com o sufixo *agem*, após a palavra professor, para expressar: a) ideia e resultado de ação; b) processo de; c) estado decorrente de; d) atividades associadas a –; teoria

da professoragem, que não pode ser compreendida a não ser em sua estreita e, por vezes, paradoxal, relação com os conceitos e sentidos anteriores.

**1ª Proposição:**

*É necessário traduzir; não podemos traduzir.*

> Como figura histórica, os professores derivam do deus egípcio Thot (Derrida, 1991), deus do conhecimento, da linguagem e da magia.

> Como personagem conceitual, os professores descendem dos escribas (Deslile e Woodsworth, 1998), que eram os mestres da escrita, do ensino e da tradução.

> Por meio da leitura e da escrita, processa-se uma afinidade essencial entre educação e tradução: o professor encarrega-se da tarefa de traduzir as matérias da tradição para a língua curricular e didática; língua que atribui uma sobrevida às matérias.

> Para fazer as matérias sobreviverem, o professor não transpõe um sistema, sentido, significado ou significante, mas inventa a linguagem singular da educação (do currículo, da didática e da aula), por meio da qual surgem novos conceitos e perspectivas.

> A tradução do professor não é uma recepção, nem uma comunicação, nem uma reprodução de um texto em outra língua: trata-se de uma operação destinada a garantir a sobrevivência das matérias.

> O sonho tradicional da educação é a traduzibilidade ilimitada e geral das matérias originais, mediante a comunicação de enunciados repetíveis, formalizáveis e transmissíveis, que exigem uma tradutologia fundamental.

> Se eu desejo trabalhar com docência, tenho de proceder à tarefa de traduzir.

> A docência, no entanto, supõe muitos intraduzíveis, quais sejam: a) imagens impensadas; b) signos desconhecidos; c) lugares impossíveis de colocar em palavras; d) tempos que escapam a qualquer definição; e) ideias que não podem ser nomeadas; f) fluxos e devires.

> Ao mesmo tempo, a docência exige que o intraduzível seja traduzido.

> As traduções são suplementos àquilo que, nas matérias, é intraduzível.

> Cabe ao professor um triplo endividamento, qual seja, por parte da matéria, dos alunos e da sua profissão: a) a matéria diz ao professor: – *Só sobreviverei se me traduzires*; b) os alunos dizem: – *Estamos aqui para movimentar suas traduções*. c) o professor está, desde a partida, envolvido pela tradução: – *Sei que, para ser professor, tenho a tarefa impossível e aporética de traduzir texto, obra, autor, linguagem, cultura, equação, fórmula, ideia*.

> A lei da tradução é que essas 3 (três) dívidas permanecem insolventes: a) do tradutor em relação à matéria original, que sempre resta incompleta; b) do resultado do ato

tradutório, diante do que é esperado pelos alunos, que sempre restam insatisfeitos; c) do tradutor diante do que resta por traduzir (intraduzível, a-traduzir), face tanto à matéria original, quanto ao processo e aos destinatários da tradução.

> Sob a égide da Primeira Proposição, a docência nunca irá até o fim do seu imperativo – *É necessário traduzir*: a) primeiramente, porque não pode apagar o estrangeiro na matéria original; b) em segundo lugar, porque se o fizesse, não deixaria espaço para as várias línguas envolvidas; c) em terceiro, não pode fazê-lo, na integralidade, visto que deve preservar a multiplicidade linguageira.

> A pesquisa pode ler cada texto que for traduzido, de modo curricular e didático, como o projeto de um outro conceito de tradução, qual seja, o da tradução educacional, que inventa um idioma singular, falado pelo Currículo e pela Didática, cuja irrupção imprevisível, imanente e contingencial acontece na Aula.

## **2ª Proposição:**

*Não tocar na matéria original.*

> O professor-tradutor deve sempre começar o seu trabalho pelo original e não pela retradução de uma tradução.

> Seguir assim o axioma de Benjamin (2008) – *Você não pode tocar no original*; o qual, ao contrário do que pareceria, à primeira vista, garante a pureza do original, levando o tradutor a interpretá-lo, deslocá-lo e reinventá-lo.

> Esse postulado de um original puro, virgem, intocável e idêntico a si mesmo, encontra objeções no processo tradutório transcriador, entendido como uma criação do espírito, uma invenção, ela própria beneficiária de direitos autorais.

> Aquilo que seria sagrado no original, de acordo com Derrida (2002), não é o seu texto ou a sua forma, mas um sempre a-traduzir, um invisível e indecível traduzir, que é da ordem de um inexprimível e irredutível a um sentido.

> A prática dos professores-tradutores é justo esta: quando o texto original está disponível, voltar a sua face para a porção não traduzida.

### **3ª Proposição:**

#### *Preservar a singularidade do intraduzível.*

> A matéria original deve permanecer intocável, naquilo que nela resiste à tradução; qual seja, a sua parte criadora de novidade, que a deixa acessível a uma multiplicidade de traduções, enquanto permanece na condição de um a-traduzir.

> O original deve ser respeitado naquilo que nos é impossível restaurar em uma tradução, leitura ou escrita organizada, calculada, objetiva.

> A tradução não mantém a matéria intacta; ao contribuir para a sua sobrevivência, ela a transforma.

> Essa 3ª Proposição encaminha a um questionamento ético, qual seja: a responsabilidade pela singularidade do intraduzível.

> Caso insistamos em traduzir o intraduzível (como o *subjectile* de Artaud; a expressão de Shakespeare *the time of joint*; as peças para TV de Beckett; etc.) corremos o risco de criar, performativamente, a priori e axiomas.

> Traduzir um poema, um sonho, é testemunhar uma relação com outros, na qual, a cada encontro, inventamos, juntos, uma nova e única matéria.

#### **4ª Proposição:**

##### ***Deixar a tradução contaminar a educação.***

> O princípio de uma educação tradutória introduz uma contaminação em todos os campos do conhecimento: ideias de transferência, deslocamento, transposição, transformação, mutação, conversão e, sobretudo, de criação.

> A educação trata de textos, temas, questões herdadas da história de todas as disciplinas; porém, por outro lado, a tradução transcriadora relaciona essas matérias a não-conceitos como *différance*, *dissémination*, *trace*, *crypte* (Derrida, 1973; 1991); os quais demandam interpretações, desde que se dispõem como problemas de tradução.

> Junto a essas ideias, aparece a enorme responsabilidade por nossa profissão.

### **5ª Proposição:**

*A docência requer traduzir e ser traduzida.*

> A docência tradutória é uma profissão pós-babélica, o que implica que Babel significa confusão: “que ao mesmo tempo se traduz e não se traduz, pertence sem pertencer a uma língua e endivida-se” (Derrida, 2002, p. 25).

> Necessária e impossível, essa imagem de Babel estabelece, por um golpe de seu próprio nome, a lei da tradução e ainda uma dívida que não poderemos pagar.

> A docência abre a diferença e a diferenciação e, ao mesmo tempo, inaugura uma aliança dissimétrica e heterônoma que promete outra coisa: uma invenção que faz a linguagem crescer, transformando-a.

> A docência requer, incondicional e irremediavelmente, traduzir e ser traduzida.

## **3. Teses já demonstradas e por vir**

Como resultados das anteriores Pesquisas de Produtividade, defendemos e demonstramos as 5 (cinco) Teses seguintes:

### **3.1. Teses desenvolvidas**

1) Aula: espaço-tempo tradutório *par excellence* do currículo e da didática.

2) Aula (didática + currículo) = como sonho de arquivo.

3) Arquivo: como tradução (canto, sonho, poética) da tradição.

4) Tradução e a-tradução: equação como operância vital da educação.

5) Docência, como direito de sonhar e de poetizar, em amizade intelectual: com matérias, mortos, vivos.

### **3.2. Teses por vir**

A partir dessas (5) cinco Teses que vêm sendo desenvolvidas, esta PQ argumentará, dará a ver, desenvolverá, dissertará e ensaiará as 34 (trinta e quatro) Teses que seguem:

1 > A educação é o processo de traduzir e de a-traduzir, que funciona como o operador infinito tanto das matérias como das línguas.

2 > A tradução é uma forma e não um modo de representação.

3 > A tradução é constitutiva de toda ação de ler, interpretar e escrever.

4 > Toda ação de ler, interpretar e escrever é um momento de tradução.

5 > A tradução não transporta o sentido e sua essência não é a comunicação nem a informação; tampouco serve ao leitor.

6 > O processo tradutório não é uma duplicação derivada do original (significado), por meio do abandono do seu corpo (significante).

7 > A tradução é uma passagem ao discurso.

8 > Livre e criadora, a tradução é atividade não submissa nem escrava.

9 > O topos da tradução é liberto da cadeia de polaridades e hierarquias original/cópia, senhor/escravo, fidelidade/liberdade.

10 > Traduzir é absorver e transformar o arquivo.

11 > A tarefa do tradutor leva em conta o corpo do texto, a sua *Wörthlichkeit*.

12 > A fidelidade ao corpo do texto é fidelidade à insuperável diferença e complementaridade das línguas.

13 > Logo, uma tradução que implica a revelação da diferença não esconde o original, mas é transparente a ele, torna-o visível, dá-lo a ver.

14 > O proto-elemento do tradutor é a palavra.

15 > O traduzir é sempre transcriador.

16 > O gesto da tradução é próximo à poesia.

17 > Quanto maior for o peso da comunicação de uma matéria, mais ela não cabe à tradução; quanto mais elevada for a qualidade criadora da matéria, tanto mais ela é digna da tarefa tradutória.

18 > A intraduzibilidade é vista a partir da traduzi-

bilidade primeira e necessária, criadora (poiética).

19 > O a-traduzir é o impossível, o contingente, o vazio, o inesperado, o acidente, a rachadura, a catástrofe, o terror daquilo que cai, foge, escapa.

20 > Um exemplo de corpo intraduzível é o gesto poético; outro, a paisagem onírica.

21 > Deixar cair o corpo: esta é a energia essencial da tradução.

22 > Quando a tradução reinstitui o corpo do texto, ela se faz poesia.

23 > O mesmo acontece com o corpo do significante, que constitui o idioma para toda cena do sonho; o sonho é o intraduzível.

24 > O intraduzível é o que foge à lógica do sentido.

25 > O Currículo e a Didática traduzem e a-traduzem (não traduzem) arquivos.

26 > Os arquivos são compostos por matérias, ou conjuntos de ressonâncias, das artes, ciências, filosofias; logo, são cantos ou sonhos tradutórios.

27 > A traduzibilidade e a intraduzibilidade desses arquivos é curricular e didática.

28 > A tradução ocorre no espaço-tempo da Aula, usando EIS (currículo) AICE (didática).

29 > A Aula é criação do real e do sonho: *double bind* de uma docência poética.

30 > A Aula é um sonho ou poética de arquivo.

31 > Cada aula é um mundo; cada mundo está implicado num sonho ou explicita um sonho; logo, sonhamos aulas.

32 > A docência é o nosso direito de sonhar, em amizade intelectual: com as matérias, com os mortos e os vivos.

33 > O nosso mundo é sonho.

34 > O texto, tal como o deste projeto de pesquisa, que fala do sonho de Aula: a) inicia em estado de vigília; b) então, vai se tornando sonolento; c) cochila aqui e acolá; d) recompõe-se novamente; e) portanto, não somente fala do sonhar; f) mas desliza ele próprio para o sonho.